

Autor: Castro

Final de ano cinéfilo (ou de quando as nossas lembranças e sonhos confundem-se com os filmes que vemos)...



Conforme sói acontecer, o mês de dezembro é marcado pela publicação das listas de melhores filmes do ano, que fazem com que os cinéfilos mergulhem em verdadeiras maratonas de audiência, a fim de conferirem os títulos preferidos por outrem. Dentre as principais listas, mencionamos aquela divulgada pelo diretor John Waters – que geralmente enfatiza as temáticas sexuais e, neste ano, elogiou enfaticamente dois filmes recentes de François Ozon – e o compartilhamento da relação de “melhores filmes de todos os tempos”, levada a cabo pela publicação britânica Sight and Sound, que, pela primeira vez em sua história, elegeu uma produção dirigida por uma mulher na colocação mais importante. Neste caso, uma obra-prima, “Jeanne Dielman” (1975), dirigido pela cineasta belga Chantal Akerman [1950-2015].

Para boa parte dos espectadores, a lista mais relevante é aquela divulgada pela tradicional revista Cahiers du Cinéma, que comumente inclui cineastas de seu panteão entre os escolhidos. No caso, Jordan Peele, Hong Sang-Soo, Alain Guiraudie e Richard Linklater. No primeiro lugar deste ano, “Pacification” (2022, de Albert Serra). Trata-se de um compêndio cinematográfico bastante coerente, isso ninguém pode negar!

No que diz respeito às preferências do público de festivais, “Aftersun” (2022), longa-metragem de estréia

da escocesa Charlotte Wells, foi um dos mais incensados, tendo recebido algumas l  ureas no Festival de Cannes e na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, entre outros pr  mios. Além de ter seus direitos de exib   o adquiridos pelo serviço de ‘streaming’ Mubi, este filme estreou em salas de cinema no derradeiro mês do ano, de modo que será lembrado nas listas individuais de muitos cinéfilos.

A trama é bastante simples: uma garota de onze anos, Sophie (Frankie Corio), e seu jovem pai Calum (Paul Mescal) passam um final de semana num hotel modesto na Turquia. Mergulham e almo  am juntos, diariamente, e conhecem-se melhor, visto que eles não moram juntos. Calum não é casado com a mãe de Sophie, mas despede-se dela dizendo “eu te amo”, ao telefone, o que deixa a garota intrigada: “*por que tu dizes isso para ela?*”, pergunta. A resposta de Calum    imediata: “*porque ela é da f  milia*”. Mas sabemos pouco sobre as condições do relacionamento deles, tanto que alguns hóspedes pensam que Sophie é a irmã mais nova de Calum, em vez de sua filha, de tão exígua que é a diferença de idade entre eles.

Os acontecimentos deste final de semana ferial aparecem como ‘flahsbacks’ para a adulta Sophie (Celia Rowilson-Hall), que vive com outra mulher. E, de maneira muito curiosa, suas lembranças são associadas a gravações em VHS, realizadas numa câmera digital comprada por Calum. Aliás, são diversos os instantes em que situações entretenedoras são convertidas em imagens, como quando Sophie disputa um jogo eletr  nico com o adolescente Michael (Brooklyn Toulson), que simula uma corrida de motocicletas. Este garoto provera    Sophie o seu primeiro beijo, sobre o qual seu pai deseja saber mais, de maneira respeitosa. “*Tudo o que acontecer em sua vida, pode contar para mim . Eu já fiz de tudo!*”, diz Calum,    guisa de consolo. Entretanto, algo o aflige de maneira recorrente...

Numa gravação que é reproduzida mais de uma vez, ao longo de filme, Sophie brinca que seu pai completar   cento e trinta e um anos de idade em breve. Num momento bastante dramático, ele é flagrado sozinho, nu em seu quarto, chorando copiosamente. O que será que tanto atormenta Calum? Um dos aspectos mais fascinantes deste roteiro, escrito pela própria diretora,    não explicar demasiado o que acontece. É um filme para ser *sentido*, portanto, tanto quanto a pixeliza   o que invade eventualmente a tela. Como se aquelas memórias de pr  -adolescência fossem uma fita desgastada, que está se apagando com o tempo...

Não obstante, numa análise imediatista, este filme será assaz assemelhado a tantos outros, sobre pais divorciados que se divertem com filhos que quase não conhecem, “Aftersun” beneficia-se da lógica aberta, anteriormente mencionada: ao término da sessão, precisamos cotejar o que acontece com as nossas próprias lembranças de juventude, a fim de complementar aquilo que Sophie ainda não entendia, quando observou pela primeira vez. Vide a seqüência em que, ao perguntar o que ela está achando de um livro que alega não compreender direito, Sophie pergunta: “*pai, o que quer dizer ‘municipal’?*”. Ah, se ele pudesse responder a todas as perguntas que ela faz...

No papel de Calum, Paul Mescal entrega uma interpretação contida, um tanto desconfiada, como se estivesse escondendo algo, a fim de preservar a sua filha – e, por extensão, o espectador; Frankie Corio, por sua vez,    expansiva, sorridente, prenhe de simpatia e carisma, a ponto de interagir naturalmente com alguns hóspedes mais velhos, com quem joga sinuca e testemunha algumas carícias ousadas,    beira da piscina. Há algo de classista no desenvolvimento da narrativa, o que talvez afaste algumas pessoas, mas é

fácil entender o porquê de esse filme ser tão bem-quisto pelo público: afinal, ele lida com anseios elementares, tanto em âmbito familiar quanto relacional. Sem contar que as canções “Losing my Religion”, da banda R.E.M., e “Under Pressure”, interpretada por Queen & David Bowie, são emocionalmente aproveitadas, respectivamente, numa cena de karaokê e noutra de dança desengonçada. Que venha(m) o(s) próximo(s) ano(s) cinéfilo(s)!

Wesley Pereira de Castro.

Data de Publicação: 09-12-2022